

A FRANJA DO FIM DO MUNDO

SÉRGIO ABRANCHES

A franja do fim do mundo

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Sérgio Abranches

ISBN: 978-65602525-61

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo

Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

A161I

ABRANCHES, Sérgio.

A franja do fim do mundo / Sérgio Abranches. – Faria e Silva

Editora, 1ª edição - São Paulo - 2025.

208 p. ; 14x21 cm.

ISBN: 978-65602525-61

1. Ficção científica brasileira. 2. Distopias. 3. Colapso social - Ficção. 4. Cibercultura - Ficção. 5. Realidade virtual - Ficção.

I. Título.

CDD: 869.3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor editorial: Anderson Vieira

Editor da obra: Rodrigo de Faria e Silva

Vendas governamentais: Cristiane Mutus

Produtor editorial e capa: FS - Estúdio



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora afiliada à:



A FRANJA DO FIM DO MUNDO

DISTOPIA CIBERNÉTICA

SÉRGIO ABRANCHES



ANOSTRA

Sumário

1. Colapso	1
2. Zapeando	6
3. Uma aula	17
4. A conversa	29
5. Jobenroscado	36
6. Rãnegá	47
7. @Gtekla	54
8. Apaga-pegas	63
9. Estar no mundo	69
10. Acácia	76
11. Sexo e Sombra	85
12. A cibercultura de Ricabê	92
13. Não rola	100
14. Onda de calor	105
15. Limites	114
16. O incidente	121

17. Mestre Zu	128
18. A Expedição	136
19. Hamartia	142
20. Assédio	151
21. Imersão	158
22. Cancelada	165
23. Chimwala	174
24. Ausência	180
25. Fim e começo	187
26. Agradecimentos	195
27. Nota do autor	197

*“(...) smoking in the supernatural darkness of cold-water flats
floating across the tops of cities (...)”*

Allen Ginsberg, Howl

*“e olhei, e ouvi uma águia que,
voando pelo meio do céu
dizia com grande voz:
ai ai ai, dos que habitam sobre a terra!”*

Apocalipse 8:13

“Time present and time past
are both perhaps present in time future,
and time future contained in time past.”

T. S. Eliot Four Quartets

ANOSTRA

Colapso

No breu se conhece a verdade. É nele que o real se dispõe para os humanos sobreviventes do colapso. Nas noites apagadas cada um chega ao âmago do ser para se interrogar. É o instante em que vida e morte se tocam. É nele que, noturnamente, as pessoas encontram o começo e o fim, o alfa e o ômega. Toda história pessoal é antes e depois do apagão. É nele que a pessoa se descobre por inteiro. Nele se vive ou se morre.

Ricardo Abe, todos diziam Ricabê, acordou enfasiado de si. Desgostoso de quem era. Escondia a depressão, seu estado habitual, e a falta de concentração produzindo fluxos de palavras logicamente conectadas, porém sem sentido verdadeiro algum. Seus fãs diziam que era um poderoso fluxo de consciência falado que depois ele transformava em ensaios de crítica cultural. Ele se via falando ou escrevendo frases redondas e vazias de significado. Pensamentos saídos no arranco do improviso. Não tinha mais como se esconder de si mesmo. Continuava a ensinar e a escrever por precisão.

O cargo de professor era um privilégio difícilimo de obter e cobiçado por todos que terminavam o doutorado. Fazia parte de uma guilda muito exclusiva. Sentia-se duplamente mal, enganava os alunos com seu palavreado que parecia culto e pensado, ocupava com a farsa uma preciosa vaga por tantos desejada. A chefe

do departamento não concordava com seu autojulgamento. Ela o considerava um grande pensador e o mantinha no emprego. Foi ela quem descreveu seu processo como “poderoso fluxo de consciência”. Ele tinha muita vontade de deixar a segurança artificial da Cidade Universitária, aventurar-se pelo resto da cidade. Porém não havia muitos lugares aonde ir. Não se atrevia pelas escuridões tenebrosas desse tempo de ocaso, nem a enfrentar o descampado, atravessar espaços desprotegidos, misturar-se aos desgraçados. Queria o impossível, aventura sem perigo.

Logo no início da calamidade o sinal da internet sumiu. Surgiu uma outra rede, livre, inviolável e cheia de atividade, informação e comércio. Era a AlterWeb, uma web paradoxalmente perene que funcionava via satélites deixados por um superbilionário que desapareceu. Dizem que tomou um foguete para Marte, onde ergueu uma mansão para viver isolado sob um domo com a atmosfera da Terra. Ninguém sabia quem administrava essa rede que nunca saía do ar, mas era aberta a todos. Foi ela que permitiu o funcionamento dos celulares e outros dispositivos de comunicação. Apenas alguns sítios mais reservados requeriam senhas para entrar. Todo o resto era desimpedido. Ricabê encontrava algum refúgio no ciberespaço. Nos apagões, navegava na AltWeb e para isso precisava ter toda a energia que conseguisse obter. Tornou-se a janela na qual se debruçava para ver o outro lado da vida passar.

O colapso foi muito mais rápido e mais grave do que os cientistas previram e os governos imaginavam. Os desastres cuidaram de criar o caos. O encontro de violentos eventos climáticos com a sociedade despreparada e descuidada foi catastrófico. Os oceanos aquecidos levaram o planeta ao desequilíbrio térmico. As ondas de calor ficaram terríveis e matavam as pessoas em poucos minutos. Vírus

desconhecidos, alguns ancestrais, se repetiam em séries mortais, era o tempo da peste permanente.

A Amazônia se tornou um Cerrado pobre, em processo de desertificação. A floresta do Congo virou savana premonitória de um deserto. As chuvas e enchentes destruíram cidades inteiras. Populações ficaram isoladas. O derretimento das geleiras elevou o nível dos oceanos cujas águas revoltadas retomaram as cidades costeiras. A queda de icebergs no mar provocou tsunamis devastadores. O planeta passa mais dias no ano apagado do que aceso. A maior parte dele virou pedra e deserto.

Os países foram devastados por uma combinação irresistível de extremos climáticos. Os estados-ilha do Pacífico foram os primeiros a desaparecer sob as águas. Neles começou a neoêxodo. O êxodo climático se espalhou por todo o planeta. Imensas áreas ficaram inóspitas. As poucas terras e cidades com localização mais segura, que mantiveram condições razoáveis de vida, foram conquistadas por deslocados ricos das regiões devastadas, capazes de contratar milícias para assegurar as invasões. A chegada dos neocolonizadores provocou revoltas armadas. Uma carnificina. De um lado, os rebeldes, de outro, exércitos de mercenários bem armados contratados pelos super-ricos. As resistências locais foram dizimadas, um genocídio atrás do outro. Mas não conseguiram preservar as cidades apenas para eles, elas foram tomadas pelas vagas do neoêxodo.

A lei de Darwin, implacável, era a única que imperava na anarquia resultante. Sobreviviam os mais aptos, os mais adaptados ao ecossistema caótico de derrocada geral. O que restou do mundo vivia aturdido pela falta de expectativa de futuro. A população da Terra diminuía em exponencial negativa, a desgraça fazia o controle populacional no planeta em mutação. Tudo se sabia pelas redes clandestinas que logo se tornaram os únicos canais de comunicação.

Os apagões iam e vinham. Alongavam as noites sempre desiluminadas. A principal tarefa era regular a distribuição da energia. Para isso os cientistas da Cidade Universitária desenvolveram um sistema de gestão por inteligência artificial. O algoritmo excluiu residências e zonas periféricas. Tudo que não fosse essencial foi desligado. O objetivo não era distribuir eletricidade, era hierarquizar a falta. Os cortes às vezes duravam vários dias corridos. Não havia mais sinais luminosos ou iluminação pública.

A necessidade fez prosperar a economia artesanal para produção do que chamavam suprimentos energéticos. Os setores mais dinâmicos da economia eram o de placas solares, turbinas eólicas, biodigestores, biogeradores e baterias. Eram vendidos em três tamanhos, mini, médio e maxi. Quem podia comprar, tinha o privilégio da energia e mais liberdade. Os artesãos passaram ao topo do prestígio social e se organizaram em guildas, corporações de ofícios e privilégios. Toda a vida girava em torno das sequelas do colapso. No mercado público, a maioria empobrecida disputava itens escassos, principalmente comida. Hortas, criatórios e fábricas de alimentos sintéticos tomaram os galpões industriais e as grandes residências abandonadas nas zonas protegidas. Quem pôde, construiu estufas climatizadas com energia solar.

À noite, fotografadas pelos satélites, a Terra era um planeta escuro pintado com escassos pontinhos luminosos das pequenas áreas das cidades que tinham o privilégio da autogeração. Nas ruas, dominadas por violentos bandos armados, pandemônio absoluto. Uma guerra sangrenta dominava a cidade noturnamente. A produção e a venda de armas cresciam exponencialmente. Não faltava energia a essas fábricas. Sua extensão era revelada pelos cadáveres das manhãs. Eles se amontoavam pelas calçadas para serem recolhidos por caminhões de lixo adaptados para a função, pois ficaram obsoletos com o uso de

resíduos para a produção de energia e a eliminação da produção de plásticos. Os corpos eram jogados em esteiras manuais que levavam a enormes fornos a gás para serem cremados e sua queima gerava energia biotérmica. Surgiu uma nova ocupação. Operador de esteiras. Trabalho manual pesado, pedalar para gerar energia motora e mover a esteira levando os corpos até a fornalha.

Zapeando

Ricabê iniciou mais um final de semana confinado com um misto de raiva e tédio. As noites eram longas e enfadonhas. Ele não sabia como lidar com o fastio dos dias sem eletricidade, das noites sem luz, nem com a ameaça contida nas ruas. Decidiu não beber, nem se drogar. Se quisesse, era fácil, em conversas com seus alunos, ele descobriu como encontrar senhas mutantes para nichos fechados. Elas davam acesso ao DeepVault, o DêVê, um cofre lacrado protegendo setores que abrigavam o bazar de armas, numerosas butikques que vendiam cannabis e compostos lisérgicos entregues a domicílio por grupos fortemente armados. Mas, como então abater essa ansiedade que sobe dos pés como uma aflição e, ao chegar à cabeça, sufoca? O corpo vai sendo tomado por uma comichão, uma gastura para a qual não há alívio. Ele se sentia sempre num mal calculado e longo mergulho em apneia e lhe faltava o fôlego para completar o derradeiro metro até a superfície. No mergulho só sobreviverá se mantiver a respiração presa até a superfície. Mas, que superfície? Tudo é abismo, tudo escuro, tudo vácuo. Mais um pouco, e a depressão o manda para o fundão, sem ar, sem saída, sem luz. Se pudesse usar o computador, talvez ajudasse. Mas esqueceu de recarregar as baterias, faltou-lhe a eletricidade de suas fontes próprias e nada recebeu da rede externa. Regra número zero: nunca ligar o gerador sem precisão absoluta. O gás que conseguia

obter do mini biodigestor com seus dejetos e rejeitos era para máximas emergências e não dava para muitas horas.

As noites são apagadas. Mantê-las acesas virou luxo inaceitável. Um grupo de vigilantes, a Irmandade da Noite, impedia, se necessário à força, o uso da energia fóssil e nuclear. Não se pôde mais produzir combustível. Só circulavam veículos elétricos, bicicletas e skates. O mundo conseguiu ver as estrelas novamente. Mas as pessoas tinham medo de sair às ruas ao anoitecer. Era preciso estar atento o tempo todo para não ser atacado e morto. Não havia segurança no escuro fora dos bairros protegidos.

Ninguém jamais viu sequer uma pessoa da Irmandade da Noite. Agiam como seres invisíveis e indetectáveis que destruíam rapidamente usinas inteiras sem provocar a morte de seus trabalhadores. Alguns deles relatavam estarem trabalhando, num momento e, no outro, acordarem fora das usinas, transformadas em um monte de escombros. A Irmandade da Noite não se incomodava com a autogeração, desde que fosse eólica, solar ou a biogás residencial.

Em cada cidade, facções criminosas ou super-ricos assumiram o controle do sistema elétrico e deixavam a gestão com especialistas de sua confiança. Nem eles se atreviam a transgredir os limites impostos pela Irmandade. Algumas zonas recebiam cotas de energia maiores que complementavam com a autogeração, principalmente as zonas comerciais, de ciberServiços e o campus da cidade universitária, concebida como a reserva de conhecimento e experimentação em busca de uma saída para a tragédia continuada que viviam.

Ricabê mantinha um cômodo de seu apartamento cheio de baterias recarregáveis e um pequeno gerador a biogás. Minigeradores eólicos e janelas com vidro fotovoltaico lhe davam alguma eletricidade. Custaram muito caro e exauriram suas reservas. Nada era novo. A escalada brutal de preços que se seguiu deixou esses bens de

primeiríssima necessidade fora de seu alcance. As baterias duravam poucas horas. Já estavam perto de terminar o prazo de validade. Com a proteção da Chefe do Departamento de Filosofia foi promovido recentemente ao topo da carreira. Não achava que merecesse, mas lhe permitiria renovar seu estoque de baterias e seu minigerador. Faltava-lhe, porém, coragem para ir até o mercado de baterias no Beco do Silício.

As lojas de produtos digitais, de consumo, drogas, armas e munições foram concentradas em zonas demarcadas da cidade protegidas por grupos armados. No Barsenal, fica o bazar das armas, protegido por uma milícia paramilitar violenta e fortemente armada. Na Alameda do Delírio, compra-se todo tipo de derivados de cannabis e compostos lisérgicos. No Beco do Silício, encontra-se tudo que é necessário para estar na ciberesfera, além de prestadores de serviços, hackers, codificadores e especialistas em todas as ciberatividades possíveis. Os preços são mais altos, mas os produtos artesanais de qualidade garantida. O barateamento fez das tecnologias biônicas, de interação entre máquina e o corpo humano, commodities acessíveis a todos os cibercirurgiões.

Sempre aparecem ofertas de superbaterias baratas. Muitas explodem e matam seus usuários. Agora tinha o dinheiro para pagar o preço de baterias seguras, porém lhe faltava a coragem para enfrentar as ruas. Ricabê frequentou o Beco do Silício bem no começo da reocupação da cidade, durante o dia e com muito medo. Agora, não tem mais coragem de se aventurar por lá. O perigo está por todo o caminho. Para chegar à zona do comércio, que é ordeira e muito bem vigiada, ele precisaria atravessar avenidas e ruas tomadas por grupos violentos, vândalos e todo tipo de bárbaros. Um aluno seu teria como conseguir salvo-conduto com o chefe de uma das facções no controle de territórios na Zona Central. Todos aceitam

os passe-livres, é do interesse deles. Ricabê chegou a usar um desses e foi uma experiência aterradora. Em cada parada era tratado com brutalidade, aos empurrões, sob a mira de armas, até que o passe-livre fosse verificado e liberado. Bom era ir com alguém respeitado por todas as lideranças e com liberdade para circular. Ainda assim, havia o perigo de atravessar ruas em que a violência era aleatória, imprevisível e ninguém respeitava nada. Só carros blindados conseguiam atravessar com alguma segurança, caso nenhum grupo recorresse a granadas ou a um RPG-7.

No mundo todo, desgoverno absoluto. Vastas áreas submersas. Outras desertificadas, sem terra agricultável. Sobraram cidades superpopuladas, sem governo, ou dominadas por tiranos. Fragmentos de humanidade isolados e com escassa comunicação entre eles. A maioria das cidades surgiu no neoêxodo. Cidades pluriétnicas, herdeiras da tecnologia avançada, muitos cientistas e tecnólogos chegaram na dispersão. Contradição humana. Conhecimento e tecnologia de ponta e brutalidade geral.

Se pudesse usar o computador, a primeira coisa que Ricabê faria seria um pedido desesperado de socorro pedindo informações de como comprar baterias de mais longa duração em segurança, com garantia de origem e por preço justo. Mas já sabia a resposta. “Defina segurança. Quem tem poder determina o que é seguro e o que é justo.” Está cansado... entediado... entre um projeto terminado e outro ainda totalmente no imaginário... Poderia navegar sem destino na Alternet. Ir saltando de uma página a outra, até encontrar uma senda pela qual pudesse entrar. Uma fenda no espaço ciberal interminável, uma viela sem lei onde se encontra de tudo, as pessoas falando as línguas mais diferentes ao mesmo tempo. Vendedores de fantasia numa terra de ninguém, num comprido beco diagonal, refúgio de nômades diversos, cada um em sua busca pessoal, todos estrangeiros, todos mal

adaptados. Uma desalentada Tortuga onde se abrigam piratas digitais e degredados de toda sorte. Ricabê sentia-se cada vez mais deslocado em seu mundo e passava cada vez mais tempo nesse cibexílio.

Ou então, seguiria alguém que posta mensagens incertas no AlHalqa, plataforma de mensagens da AlterWeb, onde se encontra comércio, entretenimento e informação. É um círculo franqueado a todos no qual se pode interagir, odiar e amar em isolamento. Leria todos os seus posts sem sentido e, depois, os misturaria em busca de um conteúdo combinatório que tivesse algum significado. Ninguém mais se preocupa em desinformar ou mentir. A vida real suplanta qualquer absurdo que mentes estreitas sejam capazes de pensar. Podia continuar o diálogo com @wanderer sobre o sentido moral do apagão — apagões podem ter sentido moral, ou são o próprio desfalecer da ética? — conversa livre que se estendia inconclusa por meses.

Os tiros pararam. Como os animais da noite se calam na antecipação da luz. Fez-se silêncio incerto que começa simultaneamente em vários pontos e contamina todo o resto. Fim do apagão. Foram 95 horas, menos que o anterior, de 150 horas. Os apagões eram arbitrários. Morreram milhares de pessoas não identificadas, centenas de membros conhecidos de gangues de rua e dezenas de crianças. Em todas as partes da cidade houve mortes, saques, estupros, depredações, carros incendiados, prédios violados. Menos nas zonas protegidas, principalmente não no condomínio dos super-ricos, o bunker chamado Éden.

Quando a noite chega, dá partida a uma guerra noturna de todos contra todos. Sabe-se pouco do que se passa. É informação guardada com zelo por quem sabe. Um segredo iniciático. Informava-se no *Repórter Digital*, o site noticioso mais visitado da Alternet. Não há mais polícia, só a Cibernética. Todo o efetivo policial foi privatizado para fazer a segurança do Éden e das zonas protegidas. O serviço lhes

rendia muito mais do que quando ganhavam o salário oficial. Fora o que fazem nos saques.

Tem tentado escrever sobre o insondável apagão, sem dele nada saber. Puro exercício de imaginar o que não sabe, descrever o desconhecido. A noite libera nossos vampiros, nossos lobisomens, furtivos caçadores noturnos. A noite ficou definitivamente gótica. A noite ficou mais noite. É o cemitério das almas. A escuridão prolongada dá medo, medo é o companheiro dos piores sentimentos, atrai desejos violentos. Quem muito teme pode atacar cegamente e a espera prolongada nas trevas pode transformar a todos em lobos ferozes em desesperado e mortífero confronto entre si.

Quase aliviado com a volta da eletricidade, Ricabê pôs as baterias para carregar, ligou o computador, clicou na lupa e digitou três letras aleatoriamente. As pesadas nuvens tóxicas foram temporariamente dissipadas por fortes rajadas de vento que logo serenaram. Uma leve brisa moveu seu gerador eólico, uma nesga de sol atingiu as placas solares de suas janelas, a eletricidade chegava da rua, como dádiva. Seria o suficiente. Sua existência se resumia à recarga de baterias, nada mais esperava da vida. As aulas eram seu derradeiro martírio. Escolheu o terceiro link, escrito em checo. Dentro dele clicou em outro link, escrito em inglês, em mais outro, também em inglês, e num terceiro, em alemão. O tradutor do navegador com IA avançada transcrevia tudo para a língua escolhida por quem lesse e as respostas que postasse seriam vistas por cada um em sua língua nativa. Chegou a **Outcast Texts**, traduzido pela IA como Textos Renegados. Deve significar alguma coisa.

@randombrowser Você posta no Outcast Texts
@outcastself?